

II

Quanto á notavel facilidade com que o organismo, no estado pathologico, supporta doses consideraveis de alcool, pode ella ser explicada differentemente, conforme as causas, que segundo Sée, intervenham na tolerancia dos medicamentos em geral.

1.º Em certos estados morbidos, diz elle, a circulação não se faz bem: a cholera é o typo.

No periodo algido, pode-se dar a um cholericos todos os medicamentos, que se quizerem sem obter resultado algum: e é por que a circulação está reduzida a uma especie de oscillação do sangue, que fica estagnado, e o medicamento, se mesmo tem sido absorvido, fica igualmente estagnado. Tão depressa chega o periodo de reacção, as funcções se restabelecem, e a circulação toma sua direcção: então a grande dose do medicamento, que tem sido administrada no periodo algido, produz sua acção: e é assim que se tem visto muitas vezes cholericos envenenados pelo opio, e pela strychnina, póde-se tambem juntar, e pelo alcool.

2.º A circulação é normal, o medicamento é transportado no organismo, mas elle chega aos orgãos, que são refractarios, por que estão n'um estado de anesthesia completa debaixo da influencia do acido carbonico, que se tem accumulado, como acontece em todos os casos de asphyxia. É isto que tem logar na pneumonia, onde grandes quantidades de espirituosos são administradas sem que resulte alcoolismo. Porque, n'estes casos, existe sempre um estado anti-phyxico mais ou menos completo; estando o sangue carregado de acido carbonico, a excitabilidade dos centros nervosos é muito menor; por consequencia a embriaguez, da qual o primeiro estado é caracterisado por phenomenos de excitação, se produz mais difficilmente.

3.º N'outros casos, é em virtude da enervação dos orgãos, sobre os quaes se localisa o medicamento, que a tolerancia se produz. Tem-se insistido n'este facto, que, explica o porque, no *delirium tremens*, os doentes habituados aos espirituosos, e sobretudo os embriagados, supportam tão facilmente doses grandes de alcool.

4.º Finalmente, assignar-se-ha uma outra influencia, que tem sido despresada sem rasão, e talvez omittida por Sée, isto é, o estado febril. Os auctores tem insistido sobre a facilidade com que os febricitantes supportam o

alcool, que entre elles nunca determina a embriaguez. Como se explicará esta tolerancia? Pelos proprios phenomenos, que constituem a febre: 1.º pela elevação de temperatura, de baixo de cuja influencia o alcool livre no sangue chega mais rapidamente aos aparelhos secretores, activados ao mesmo tempo em seu funcionamento; 2.º pela actividade das oxydações, e das reacções intra-organicas, donde resultam transformações mais rapidas, e mais completas do alcool, que desaparece no sangue.

Estas rasões nos parecem sufficientes para justificar a confiança, e ardor, com que certos praticos tem empregado, e empregam ainda a medicação alcoolica.

O. IODE NAS FEBRES INTERMITTENTES.

Ha tempos, em conversação de amigos, ouvi ao meu amigo e illustre professor da escola medico-cirurgica de Lisboa, pouco mais ou menos o seguinte: « Sabem o que mais? Nos livros antigos de medicina vou encontrando quasi todas as descobertas modernas » No meu tanto, vou diariamente achando provas da verdade d'aquelle asserto, que, á primeira vista, tem seus ares de paradoxo. Na therapeutica é onde mais a miudo as encontro. Na maioria das *formulas novas* com que alguns jornaes de medicina brindam, de vez em quando, os seus assignantes, eu só encontro, as mais das vezes *formulas velhissimas*. Hoje as folhas de nogueira são dadas, pela millesima vez como remedio novo na escrofulose; amanhã, diz-se que o sal commum é um bom meio a ensaiar contra as febres intermittentes, segundo as recentissimas observações e experiencias do Sr. Fulano de tal, etc., etc.

Compulsando os volumes de jornaes medicos de que tenho sido assignante, facilmente acharia immensas provas do que digo: bastar-me-ha porém citar o que diz um jornal que acabo de ler (1), *O Correio medico de Lisboa* com referencia ao *iodo na febre intermittente*.

Começa o artigo a que me estou referindo pelas seguintes palavras:

« Tem sido empregado com vantagem o iode por Donaud no tratamento da febre intermittente. »

A quem ler isto não parecerá modernissima applicação?

(1) Não sou assignante do *Correio Medico de Lisboa*. Só agora recebi do meu livreiro, por lh'os ter pedido, os numeros publicados do dito jornal.

Pois não é. Ha um anno escrevia eu na *Gazeta Medica* o que na clinica tinha colhido da applicação do iode nas febres intermittentes. Ahi disse, e agora repito, que desde 1863 o tenho empregado nessas doencas, etc.

« Para que seja racional este tratamento, continua o citado artigo, é preciso demonstrar: 1º, que o miasma palustre é essencialmente composto de sporulos de cryptogamicas ou ovulos de mycrozoarios; 2º que essés sporulos ou ovulos são a causa inicial da febre de accesso, etc., etc.»

Com a devida venia, parece-me que não tem razão o auctor de similhante asserto.

Em primeiro lugar, demonstrada a acção antiperiodica do iode pouco importaria ao clinico que essa applicação fosse considerada racional ou empirica. Da applicação do sulphato de quinina, que nenhum clinico, que eu saiba, deixa de fazer, ninguem dirá, com verdade e convicção, que é racional. Nenhuma theoria conheço que explique satisfactoriamente a sua acção. Sei que, considerando-se as febres paludosas devidas a microphytos ou microzoários, como por analyses directas do ar dos pantanos, a differentes horas do dia, se tem querido demonstrar, se explicava a acção do sulphato de quinina, por ser essencialmente nocivo aquellas pequenissimas organizações, havendo a sabida experiencia de se deixar uma dissolução d'aquelle sal exposta ao ar livre e não apparecerem n'ellas os animalculos que n'outra qualquer apparecem. Mas tambem sei que essa theoria não é por hora geralmente acceita e que a mim agradando-me em principio, e hoje nada me satisfaz, porque: 1º, em febres intermittentes não paludosas, em febres symptomaticas em febres reflexas, o sulphato de quinina dá bons resultados; 2º, em febres de natureza paludosa, tem succedido, e muitissimas vezes, como podem attestar quantos exercem a clinica em sitios sezonaticos, um abalo moral forte, uma queda, um banho frio, uma indigestão, etc. curar febres intermittentes; 3º, são incontestaveis para mim os bons resultados da hydrotherapia nas febres intermittentes, e tambem não percebo a influencia que esse tratamento pode ter nos pequenos organismos que alguns consideram causa d'aquelle morbo etc.

Resumindo: a applicação do sulphato de quinina nas febres intermittentes não é ainda hoje racional; pouco importa que o seu succedaneo, se se encontrar, o não seja.

Mas, voltando ao iode, direi que da sua acção physiologica se colhe o bastante para se

poder, mais dia, menos dia, achar a sua applicação nas febres intermittentes como racional, uma vez que se admitta para explicar as febres intermittentes theoria melhor fundamentada que a dos microphytos ou microgamicos.

« Absorvido pelas vias respiratorias ou pela pelle, ou melhor ainda, pela mucosa gastro-intestinal, o iode produz symptomas de excitação geral muito sensiveis, e sob este ponto de vista, poderia ser classificado como excitante. A circulação torna-se mais activa, a pelle mais quente.

.....
« Estas erupções cutaneas coincidem com phenomenos cerebraes, geralmente de pouca gravidade, mas assustadores para o doente e mesmo para o medico que não conte com elles. Consistem principalmente em *cephalalgias*, *as mais das vezes frontaes*, *com dores agudas nos olhos e nos ouvidos*, *com zunidos*, etc. Simulam ás vezes uma *embriaguez*, que Sugal chama *embriaguez iodica*.» (1)

Todos dirão que existe alguma similhança entre estes effeitos physiologicos do iode e os da quinina, e por isso, segundo os justissimos principios apresentados por Trousseau nas suas lições sobre o empirismo, poderíamos talvez ja dizer: o emprego do iode nas febres intermittentes é racional.

Pelo menos, de presumir é que isso, um dia se possa affoitamente dizer quando feita a comparação dos phenomenos intermittentes que acompanham as lesões do grande sympathico com os phenomenos observados nas febres intermittentes, se tenha bem estudado a acção do iodo e do sulphato de quinina sobre os centros nervosos.

Portel, outubro de 1871. F. França.
(*Gaz. Med. de Lisboa.*)

CIRURGIA.

BEIÇO DE LEBRE DUPLO COMPLICADO; OPERAÇÃO:
BOM RESULTADO

Pelo Dr. J. A. de Freitas

Não penso como alguns *sabios*, que a *Gazeta Medica da Bahia* não deve existir, porque não pode, por em quanto, entrar em concurrencia pelos seus trabalhos com as *Gazetas Medicas de Pariz*, *de Londres*, o *Jornal Medico Cirurgico de Edimburgo*, e outros, que já contam muitos

(1) Trousseau et Pidoux, *Traité de therapeutique*, etc, 1862. Tomo I pag. 291.